A função das imagens na elaboração da experiência em sermões de Antonio Vieira e suas matrizes Conceituais

The role of images in the elaboration of experience to Antônio Vieira and their conceptual matrices

Marina Massimi

RESUMO

O trabalho aborda o papel atribuído às imagens na elaboração da experiência assim como apresentado nos sermões de Antônio Vieira e aprofunda as matrizes filosóficas e teológicas desta concepção. Vieira reconhece às imagens um importante poder de comunicação e de evocação. Dentre outros, recorre às imagens na construção de metáforas que usa para representar processos da vida pessoal e política. Nisto, o pregador se conforma à tradição jesuítica bem como às doutrinas de Agostinho e de Tomás que inspiram essa mesma tradição.

Palavras-Chaves: imagens; Vieira, sermões.

ABSTRACT

The paper discusses the role assigned to the images in the elaboration of experience, in sermons of Antonio Vieira and investigates the philosophical and theological matrix of this conception. Vieira recognizes that the image has the important power of communication and evocation. Among others, refers to images in the construction of metaphors used to represent processes of personal and political life. The preacher follow the Jesuit tradition and the doctrines of Augustine and Aquinas that inspire this tradition.

Key-words: images; Vieira; sermons

Introdução

A importância da imagem na elaboração da experiência pessoal, especificamente dos processos cognitivos é uma tópica difundida na cultura ocidental da Idade Moderna. No que diz respeito à modalidade anímica de elaboração da experiência, é destacado o envolvimento dos sentidos internos, a saber, as potências psíquicas da memória, da imaginação, do senso comum e da *vis aestimativa*, que foram tematizadas de várias formas por Aristóteles, Agostinho e Tomás. Segundo estas perspectivas filosóficas, as imagens, enquanto objetos culturais apreendidos facilmente pelas potências anímicas configuram-se como recursos importantes para a vivência subjetiva e o desencadeamento do processo de conhecimento nos destinatários.

Na cultura brasileira, os sermões de Antônio Vieira são uma fonte significativa para o estudo destas temáticas, que pode ser adequadamente interpretada se tomada for no horizonte da filosofia dos Conimbricenses cujos tratados molda-

ram a formação intelectual do jesuíta Vieira; bem como de toda a tradição filosófica e teológica que os Conimbricenses sintetizam e discutem. Para a leitura dos sermões de Vieira utilizaremos a edição completa moderna portuguesa de Lello e Irmão (Porto, 1993), de cinco volumes. A seleção a partir de nosso recorte foi auxiliada pela consulta do *Índice das coisas mais notáveis* elaborado por Vieira organizado e editado por Pécora (2010).

O poder das imagens

O catolicismo da Idade Moderna reconhece às imagens o poder de evocar a presença do sagrado conforme a doutrina tridentina, tal evocação podendo atingir, em circunstâncias específicas, uma força quase que sobrenatural.

A grande força de persuasão atribuída pela reforma católica à representação do divino pelas imagens é documentada pelas diretrizes fornecidas por um dos teólogos do Concílio de Trento, o cardeal Gabriele Paleotti (*Discorso intorno alle immagini sacre e profane*, 1582), o qual afirma que as imagens penetram o ânimo dos fieis com maior eficácia do que as palavras, induzindo-os a crer nas verdades não demonstráveis através da razão, pelo apelo às experiências visuais. Segundo Paleotti, as imagens são úteis para mover os corações à devoção e ao verdadeiro culto de Deus, tendo a vantagem sobre a palavra escrita, de alcançar todo homem, sendo que "os livros são lidos apenas pelos inteligentes, que são poucos, ao passo de que as pinturas abraçam universalmente todos os tipos de pessoas" (edição 2002, p. 65, trad. nossa). Ainda segundo este autor, a pregação, que torna a palavra acessível aos analfabetos, não possui a mesma abrangência, sendo a voz e os gestos, elementos pessoais e inseparáveis do sujeito que os utiliza e, portanto, circunscritos em sua capacidade comunicativa, a lugares, tempos e ocasiões determinados. Ao invés, a obra pictórica é considerada como um "livro popular" e "capaz de todo assunto" (ibidem). Com efeito, os conceitos veiculados pelas imagens sensíveis podem ser aprendidos e compartilhados de modo tal a superar as diferenças lingüísticas, tendo a possibilidade de impor-se universalmente. Afirma-se assim a primazia da imagem conceituosa (a qual sintetiza de maneira eficaz os sentidos escondidos) sobre o raciocínio e a palavra, levando-se em conta que os destinatários dos ensinamentos evangélicos são na maior parte analfabetos e desconhecem as doutrinas sagradas, exigindo, portanto, uma linguagem clara e simples. As imagens, meio de comunicação universal, são as mais indicadas para este tipo de destinatários.

Paleotti considera que a repetição constante do uso de certa imagem, possa modificar os afetos, no sentido de que pode suscitar imediatamente uma vivência de tristeza, ou de ódio e de repulsa, ou de amor. Quanto mais a imagem for próxima da realidade, mais assume força expressiva estimulando com maior eficácia o dinamismo psíquico:

> Ouvir narrar o martírio de um santo, ou o zelo e a constância de uma virgem, ou a mesma paixão de Cristo, são coisas que com certeza nos tocam vivamente, mas se o santo martirizado, a virgem que sofre, ou o Cristo com os pregos forem colocados embaixo dos nossos olhos, a nossa devoção não pode que aumentar e penetrar na profundidade, e quem não experimenta essas sensações é totalmente privo de sensibilidade, como escreve São Basílio, etc... (p. 79, trad. nossa)

O sujeito é assim modificado em seu dinamismo psíquico pela presença da imagem e através desta modificação começa a sentir-se parte da cena representada. A transformação não é apenas interior, podendo também atingir o corpo e expressar-se nos gestos e no comportamento:

> Conforme ao que afirmam filósofos e médicos, conforme os conceitos que em nossa imaginação criam-se a partir das formas reais, em nós geram-se impressões tão fortes que produzem alterações e sinais visíveis no próprio corpo. Um exemplo deste fenômeno é fornecido pela experiência quotidiana que nos mostra partes do corpo visivelmente marcadas por manchas e figuras: vinho, frutas, membros de animais, e outros. (p.80, tradução nossa)

Este fato é comprovado também pela vida de alguns santos como Bernardo e Francisco, os quais gozavam da visão interior de Cristo e cujos corpos também foram marcados pelos efeitos desta visão: "Acerca de São Francisco, se diz que, tocado pela visão das chagas do Salvador, foi de tal modo impressionado que recebeu os santos estigmas no seu mesmo corpo." (p. 82, trad. nossa)

Em conformidade com essa tradição, Vieira refere-se em seus sermões às propriedades extraordinárias das imagens sagrada. No sermão pregado em 1659 na Capela Real na época em que o Algarve foi acometido pela peste e dedicado a São Roque realça as propriedades taumatúrgicas da estátua do santo, cuja vida fora totalmente conforme ao exemplo de Cristo e que também sofrera daquela doença. Vieira relata um prodígio ocorrido na cidade de Constância, durante uma procissão onde era carregada a estátua de São Roque, definida como "a sombra" de sua pessoa. (1993, vol.3, p. 597). Ao sair a imagem pelas ruas da cidade, "sem se tirarem os enfermos nas ruas, saravam nas casas, as enfermarias, nos hospitais". Segundo o pregador, o fenômeno é devido ao fato de o ar inficionado pelos miasmas da peste ser purificado pelo contágio das virtudes do santo. Poder semelhante tem as imagens de Francisco Xavier, celebradas por Viera nos sermões dedicados ao santo jesuíta. Uma estátua de Xavier numa Igreja da cidade de Nápoles sarou a cidade da peste, assim como numa cidade da Calábria ressuscitou vinte e nove mortos. E na Índia, uma mulher de origem chinesa de cento e vinte anos, sarou de repente de suas enfermidades pelo contacto com a efígie do santo, de quem era devota. (1993, vol. V).

A representação iconográfica de uma presença sagrada não possui apenas o poder da cura, como também do juízo. No sermão pregado na ocasião da festa da Conceição da Virgem Nossa Senhora na Bahia, na Igreja com a mesma invocação em 1635, Vieira ao defender que a Mãe de Cristo fora concebida sem pecado original, refere um fato ocorrido a um seu colega pregador. Este, sendo "de contrária opinião, não duvidou dizer pública e declaradamente que a Virgem Maria fora concebida em pecado original. Estava na mesma Igreja uma imagem da mesma Senhora de vulto e vestida como então se costumava mais; e em se ouvindo no auditório aquela proposição, que faria? (Escreve o caso Bernardino de Bustes). Estendeu o braço direito a imagem, pegou no manto, e cobriu o rosto" (1993, vol. IV, p. 161).

O poder das imagens é referido por Vieira a tradições anteriores ao cristianismo. No sermão vigésimo quinto do Rosário, Vieira aborda a questão dos feitiços e das imagens poderem ser utilizadas de modo maléfico por magos e feiticei-

ros. Cita o caso da Dafnis retratada por Virgilio, enfeitiçada pela Maga e que se transformara perseguida por Apolo, num loureiro. Coloca, porém, que o "Divino Encantador" age opondo "a um encanto, outro encanto". (1993, vol. IV, p. 1144). Ou seja, imagens sagradas se colocam em oposição a imagens enfeitiçadas. As imagens também são terreno da luta entre Deus e o Diabo.

Imagem e semelhança

No sermão da *Dominga vigésima segunda depois de Pentecostes* pregado no Maranhão, na ocasião da repartição daquele território em dois governos, que foram assumidos por moradores da terra, Viera aborda em vários momentos o tema das imagens. Em primeiro lugar, comentando o trecho evangélico de Mateus capítulo XXII, versículo 19, sobre o tributo a Cesar, Vieira, a partir do entendimento do significado da imagem de Cesar inscrita na moeda da cena evangélica, amplifica o argumento para discutir o fato de que "todos os que governam são imagens de seus príncipes porque os representam na pessoa e no exercício dos poderes" (1993, vol. II, p. 1159). Remete a origem deste "titulo da imagem", ao "primeiro governo do mundo", ou seja, ao relato bíblico da criação do homem (Genesis, I, 26). Nesta ocasião, Vieira relembra aos ouvintes que Deus disse: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança", para que "tenha a presidência e o governo do mundo" (idem, p. 1159). Todavia, a interpretação destas palavras tem sido questão debatida entre os teólogos e até objeto de graves reduções, para se chegar ao consenso de "todos os santos e doutores católicos, que a razão da imagem de Deus no homem consiste na alma adornada de três potências, em que representa ao mesmo Deus trino e um" (idem, p. 1159). A partir desta identificação entre imagem e alma, Vieira aprofunda sua argumentação de teor político, sendo este o intento daquela sua pregação. Com efeito, existem "homens sem alma" que, portanto, são indignos de governar. E, além disto, "não basta que o que houver de governar seja homem com alma; mas é necessário que seja alma com homem". A seguir, Vieira explica esta sua afirmação: "Se tiver alma, e boa alma, não quererá fazer mal; mas se juntamente não tiver atividade e resolução, e talento de homem não fará cousa boa" (idem). Para que haja um bom governo, da sociedade assim como da pessoa, é necessário que todas as potências da alma sejam ativas: "Deu-lhe Deus memória, entendimento e vontade: a memória, para que se lembre de sua obrigação; o entendimento, para que saiba o que há-de mandar; e a vontade, para querer o que for melhor". Assim, também para o bom governo, ocorre que haja "não homens de uma só potência (que por isso fazem impotências) e faltando-lhe a memória e o entendimento, só têm má vontade" (idem). Na unidade da pessoa humana criada a imagem e semelhança de Deus e concebida por Vieira segundo a referência da *Trindade* de Agostinho, o Criador inscrevera também as características necessárias para o bom governo (na esteira da *República* platônica onde a estrutura da alma é especular à do Estado). Destas premissas deriva também a concepção da autoridade política, que deve ser concebida qual imagem, representação, do poder de Deus: "com todas estas qualidades formou Deus, e aperfeiçoou a imagem que no governo do mundo havia de representar a majestade divina" (1993, vol. II, pp. 1160-61). E também, análoga função vicária ocorre nos casos de "representar as majestades humanas, os que em

seu lugar e com seus poderes governam estas, ou outras pequenas partes do mesmo mundo" (idem, p. 1161)

Vieira propõe-se a discutir no sermão a questão da "obrigação das imagens" com relação ao objeto representado: se, por um lado, é grande a dignidade que a imagem adquire para esta tarefa, por outro lado "mui dificultoso e arriscado é o acerto dessa grande representação" (1993, p. 1161), no caso em que for sublime o objeto representado. Viera remete esta consciência aos antigos citando um provérbio latim segundo o qual "a imagem de Mercúrio não se faz de qualquer madeiro" (idem). Para evidenciar o fato de que elaborar uma imagem que seja adequada para representar seu objeto é uma arte difícil, compara as imagens produzidas pelo artifício humano, com as representações através do espelho. Se estas "aparecem perfeitas em um momento sem mais trabalho e artifício que uma reflexão natural" (idem, p. 1163), as imagens construída pelo artifício do homem implicam trabalho experiente: "as imagens que se representam em si mesmas, ou são de pintura ou são de escultura. As de pintura fazem-se com muitos debuxos, muitas cores, muitas sombras, muitos claros, muitos escuros: as de escultura com muito bater, muito cavar, muito polir, muitos cheios, muitos vazios: e umas e outras com muita arte, muita aplicação, muito trabalho" (idem, p. 1163).

Outra questão que evidencia a dificuldade de representar as coisas por imagens é a distância entre a representação e o objeto representado. Aqui Vieira disserta acerca da tentação 'diabólica' da imagem querer se substituir ao objeto representado. O uso do argumento teológico, acerca da pretensão de Adão se substituir a Deus, assume evidente objetivo político de questionar o abuso da soberania. Para tanto, Vieira, no item quinto do sermão, reconstrói sucintamente uma espécie de história da arte da pintura e cita Plínio, segundo o qual "antes de haver no mundo a arte da pintura, (...) se retratavam os homens cada um pela sua sombra" (idem, p. 1167). Ou seja, "punha-se o homem em pé, fazia sombra com o corpo interposto à luz do Sol, e aquela sombra cortada pela mesma medida era a sua imagem"; e para que ela fosse reconhecida, escrevia-se aos pés os nomes da pessoa. Vieira retoma também a arte portuguesa dos "ricos feitios", "nos quais as imagens se não conheciam pela figura se o não dissesse o rótulo" (idem, p. 1168). Cita inclusive o relato bíblico acerca da estátua construída por Nabucodonosor; cita a seguir as regras de Vitrúvio acerca da representação do corpo humano, até chegar a discutir acerca das imagens religiosas utilizadas pelo culto da cristandade. E aqui Viera anuncia que irá declarar algo que para ele é motivo de "dor e escândalo". Inicia afirmando que "nesses famosos santuários da Europa onde se veneram imagens milagrosas, ali se vêem penduradas as mortalhas, as muletas, as cadeias, as amarras, os pés, os braços, os olhos, as línguas, os corações dos que protestam naqueles votos dever-lhes miraculosamente todos estes benefícios" (1993, vol. II, p.1169). E repentinamente, o pregador volta-se para o auditório e pergunta; "deixadas, pois, as outras terras mais remotas, (...) vós que me ouvis, que direis da vossa?". E retomando os sinais dos milagres realizados pelas imagens sagradas dos santos inicia a longa lista dos delitos realizados pelos enganadores representantes da soberania, ou seja, aquelas imagens "pintadas com as falsas cores com que enganaram a fama": "também ali se veriam as mortalhas, não de poucos que ressuscitaram, mas de infinitos e sem número a quem tiraram a vida. Também se veriam cadeias, não dos que libertaram do cativeiro, mas das nações e povos inteiros, que sendo livres, fizeram cativos. Também se veriam

amarras, não dos navios que salvaram, mas dos que fizeram naufragar e perder, sendo eles no mar e na terra a maior tormenta, etc.." (idem, p. 1170).

Na parte propositiva do mesmo sermão, Vieira afirma que, se os homens ministros do rei e representantes do poder régio, pretendem se colocar como representações conformes à imagem do Rei por eles representado, devem se conformar realmente a ela: "a figura que haveis de trazer sempre diante dos olhos, é o mesmo rei, de quem sois imagem; e não como ausente, senão como presente, nem como invisível, senão como visto". E isto poderá acontecer somente "se não tirares os olhos de seu regimento, no qual vereis ao mesmo rei tão natural e vivamente retratado em sua própria figura, como se a tivéreis presente" (idem, p. 1175).

Vieira traz uma metáfora exemplar nas figuras das plantas que o jardineiro cuida para se assumam formas nos jardins. Para que as plantas conservem a forma dada pelo artifício do jardineiro, é preciso de todo um cuidado feito de atos que endireitam, dobram, ligam, decotam a planta para conservar nela a imagem "tão proporcionada, inteira e sem mudança, como se a tivera lavrado em mármore ou fundido em bronze" (idem, p. 1175)

O exemplo remete ao cuidado necessário para que o efeito exemplar da imagem (sagrada ou regia) ocorra no sujeito que a representa. Para tanto, é necessário que se "endireite a intenção", "se dobre a vontade", "o juízo siga os ditames da verdadeira razão", é preciso "ligar e atar o apetite, que junto com o poder, é muito violento e rebelde, para que se não desenfreie"; é preciso "decotar os afetos" caso não sejam condignos ao objeto representado (1993, vol. II, p. 1175). Em suma, as potências anímicas devem ser cultivadas em conformidade com o modelo representado. Neste sermão, portanto, Vieira afirma que o valor pedagógico da imagem se realiza tão somente o destinatário se disponha a um trabalho de conformação a esta, devendo mobilizar suas potências psíquicas em função deste objetivo.

O valor da imagem para a elaboração da experiência pessoal foi colocado nesse sermão para discutir a conduta política dos ministros régios na Colônia; noutras ocasiões, o valor da imagem é proposto em Vieira também com objetivo mais propriamente religioso, como, por exemplo, na *Pratica Espiritual da Crucificação de Jesus* realizada esta também em São Luis do Maranhão, no colégio da Companhia de Jesus (sem data). Aqui também o emprego das potências psíquicas na contemplação da imagem promete proporcionar uma "experiência" pertinente ao modelo representado: "os nossos corações se transformarão em lugares de pureza e santidade, se nós pusermos hoje e fixarmos bem neles um Cristo crucificado" (Vieira, 1993, vol. II, p. 513)

Imagens da natureza, metáforas de sentimentos humanos

A imagem da tempestade e de perturbações naturais, para retratar a dor, comum a vários pregadores, é utilizada por Vieira, o qual assim justifica o recurso a esta metáfora: "*E como não achasse a sua imaginação coisa alguma nem de maior grandeza, nem de maior amargura, que o mar; enfim se resolveu, que só no mesmo mar podia achar a semelhança e na mesma semelhança, a consolação que buscava*" (sermão das Dores da Sacratíssima Virgem Maria, 1642; em: Vieira, 1993, vol. II, p. 508).

O mar foi um dos grandes 'protagonistas naturais' da história do Brasil colonial: as vicissitudes humanas dos seus 'descobridores' portugueses bem como de seus moradores ao longo de vários séculos, foram profundamente e dramaticamente ligadas a este elemento do mundo natural, conforme documentam crônicas de viagens e de naufrágios, cartas e informes referentes à vida cotidiana (Brito, sd).

Referindo-se à inquietação dos afetos humanos, Vieira recorre às imagens tremendas dos terremotos e dos maremotos:

> E que tudo isto há-de caber em um coração de barro? Abalam-se e rebentam os montes; sai de si o mar; enfurecem-se os ventos; fulminam as nuvens; escurece-se e descompõe-se o céu; nem cabe em si mesmo o mundo com quatro vapores insensíveis que se levantam da terra: e que em um vaso tão estreito e tão sensitivo como o coração humano, hajam de caber juntas, e estar em paz todas estas contrariedades? (Vieira, 1ª sexta II.; 1993, vol. I, p.720).

Nos sermões de Padre Vieira, o recurso às imagens de animais também é freqüente e usado para referir-se a posicionamentos e atitudes humanas. Destacamos a escolha de metáforas derivadas do reino animal próprio do contexto brasileiro, como, por exemplo, aranhas, serpentes, tigres. Na citação a seguir o comportamento da aranha é metáfora da conduta oportunista e ávida de alguns ministros e funcionários régios:

> A aranha, diz Salomão, não tem pés e sustentando-se sobre as mãos, mora nos palácios dos reis. Bom fora que moraram nos palácios dos reis, e tiveram neles grande lugar os que só têm mãos. Mas a aranha não tem pés, e tem pequena cabeça, e sabe muito bem o seu conto. Sobe mão ante mão a um canto dessas abóbodas douradas, e a primeira cousa que faz, é desentranhar-se toda em finezas. Com estes fios tão finos, que ao princípio, mal se divisam, lança suas linhas, arma seus teares, e toda a fábrica se vem a rematar em uma rede para pescar e comer. Tais são (diz o rei que mais soube) as aranhas do palácio. (1ª sexta VI. Em: Vieira, 1993, vol. I. p.774).

Uso da imagem na tradição jesuítica

A retórica vieiriana é totalmente conforme ao modelo de oratória sacra da Companhia de Jesus. Com efeito, na visão da tradição cultural dos jesuítas condensada nos tratados dos filósofos Conimbricenses, a imagem tem uma função importante na articulação do pensamento humano. Os objetos estimulam os sentidos externos, sendo que, pela mediação dos sentidos internos, são elaboradas suas respectivas representações (através das espécies emitidas pelos sentidos externos quando na presença dos objetos). Por fim, o entendimento ocorre "pela assimilação, ou representação da coisa conhecida mediante a espécie expressa desta coisa" (Santiago, 2010, p. 45). Em sintonia com esta concepção, Vieira afirma, (no *Sermão do demônio mudo,* 1661) que "dentro da nossa fantasia, ou potência imaginativa, que reside no cérebro, estão guardadas, como em tesouro secreto, as imagens de todas as cousas que nos entraram pelos sentidos, a que os filósofos chamam espécies. (Vieira, 1993, Vol. I, p. 1173). O uso das imagens

externas permite a mobilização dos sentidos internos, especialmente da fantasia, segundo seu alvo apropriado.

O Padre Geral Francisco Borja SI, assinalava a importância do uso da imagem na prática da meditação:

> Para proporcionar maior facilidade na meditação, ponha-se uma imagem que represente os mistérios evangélicos, e assim, antes de iniciar a meditação, mire-se a imagem e especialmente reconhecerá o que nela deve ser reconhecido, para considerá-lo na meditação de modo mais claro e para tirar maior proveito dela. Pois a função da imagem é semelhante ao oferecer a comida pronta para que seja comida, de modo que não resta a fazer senão o comer; de outro modo, pelo contrário, o entendimento irá discorrendo e trabalhando para representar o objeto da meditação com muito custo e trabalho. E, além do mais, este é o modo mais seguro, pois a imagem é feita em consideração ao Evangelho e muito conforme a este, e pelo contrário, quem medita por sua conta, com facilidade poderá enganar-se tomando uma coisa por outra. (Borja, 1912, p. 63, trad. nossa).

Na verdade, a função mobilizadora das imagens para promover dada experiência espiritual foi tematizada, desde os inícios da Companhia de Jesus, pelo fundador Inácio de Loyola. A partir da afirmação de que os próprios sentidos podem reconduzir o homem concreto a Deus, a imagem é valorizada como veiculo que leva do visível ao invisível. Loyola, nos *Exercícios* (1542)*,* elabora a proposta do método contemplativo da *compositio loci,* baseada na composição visual (itens n. 82, 91, 103, 112, 151, 232, 92, 115, 116) e na vista pela imaginação, ou seja a imagem mental (itens n. 65, 66, 91). Retoma-se assim um elemento próprio da sensibilidade tardo medieval, especialmente um modelo contemplativo e místico onde as imagens compartilham com o sacramento a função de instrumentos de subida do visível e terreno para o invisível e espiritual. Além do mais, ao perceber que não seria suficiente o uso da imagem mental para a meditação, Inácio sugere o aporte visual da imagem gráfica (por meio do quadro, ou da estampa).

No final do século XVI, o jesuíta Jerônimo Nadal realiza este projeto preconizado pelo fundador da Companhia, através da construção de um método ótico e intuitivo de oração com a publicação do livro *Adnotationes et meditationes in Evangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur cum eurundem Evangeliorum Concordantia (*Antuerpia, Moretum, 1593).

Outro documento significativo é *Imago Primi Saeculi* (1640), texto produzido no colégio de jesuítas de Anversa, em ocasião do centenário da fundação da Companhia e publicado por Balthasar Moretus (Insolera, 2005).

No mesmo período, são publicados também alguns tratados fundamentais que teorizam o uso das imagens para o conhecimento dos mistérios sagrados, tais como as *Instructiones fabricae et suppellectilis ecclesiasticae* do Cardeal Carlos Borromeo (Milão, Pontio, 1577) e *De poesia et pictura em Bibliotecha Selecta de ratione studiorum*, de Antônio Possevino SI (Roma, 1593).

As matrizes

A posição acima expressa deriva de matrizes conceituais anteriores que são propostas e articuladas de modo próprio pelos pensadores jesuítas.

Um passo decisivo inicial para a tematização da imagem e de suas múltiplas dimensões foi dado por Agostinho de Hípona, que em várias obras filosóficas e teológicas aborda o tema da imagem na perspectiva da teoria do conhecimento humano. Com efeito, seu ponto de partida é a investigação acerca de como as pessoas podem conhecer, não só as pessoas cultas que tem acesso à leitura, mas também as pessoas analfabetas. Para responder essa pergunta, é preciso investigar o dinamismo psíquico pelo qual o homem conhece, sendo que esta questão tornou-se o problema geral de todo pensamento de Agostinho.

Em *O Mestre*, (389/2002), o pensador responde à questão afirmando que cada homem retém em sua memória as imagens das coisas experimentadas pelos sentidos e contempladas pelo espírito, de modo que, ao ouvir as palavras, pode reconhecer as coisas por estas sinalizadas, por meio das imagens que trazem consigo. Por isto, nós podemos conhecer seja lendo um texto escrito seja pela vista de uma imagem: "Trazemos assim essas imagens nos recessos da memória, como uma espécie de ensinamentos das coisas anteriormente sensoriadas, e contemplando-as no espírito, em boa consciência não mentimos quando falamos". (2002, p. 102). É este o motivo pelo qual podemos ter referência em nós de algo que nós não experimentamos, mas que é de algum modo nosso e que carrega um sentido partilhado pelos outros. A imagem suscita a potência psíquica da memória: quando olhamos a imagem de uma cena, sabemos se tratar da representação de um dado acontecimento, pelo fato daquela imagem estar associada a um conteúdo que foi armazenado na memória. É preciso, portanto, indagar a formação deste dinamismo associativo entre a imagem, a imaginação e a memória, que inclusive permite o reconhecimento do conteúdo das palavras: "Efetivamente, aquele que ouve, ao ter percebido e presenciado essas coisas, não as aprende pelas minhas palavras, mas ele mesmo as reconhece por meio das imagens que traz consigo". (2002, pp. 102-103).

Na obra *A Trindade* (414/1995), ao formular uma teoria unitária do psiquismo humano, Agostinho mostra que as potências (a memória, o afeto, o entendimento) funcionam de modo conjunto no sujeito pessoal. Neste contexto, ele analisa a eficácia da imagem no dinamismo psíquico: "o que representa para o sentido corporal algum objeto localizado, representa para o olhar da alma a imagem de um corpo presente na memória" (1995, p. 346). Agostinho pondera acerca da imagem conservada na memória que, caso a atenção do sujeito se retirar dela, não permanecerá. Por isto, é decisivo o papel da vontade, a qual "daqui para ali leva e traz o olhar da alma para informá-lo e o ligar ao objeto" (1995, p. 345). Deste modo, no caso da atenção se concentrar toda numa determinada imagem interior, "será encontrada tal semelhança entre a figura corporal impressa na memória com a expressão da lembrança, que nem a própria razão conseguirá discernir se o que vê é um corpo extrínseco, ou se é o pensamento formado em seu interior" (idem). A força das percepções marcadas pelas vivencias afetivas faz com que a memória retenha em si mesma as imagens correspondentes. Tais "impressões imaginativas" não se produzem somente "quando a alma tem um desejo forte e fixa o olhar nelas", mas também pelo medo que "coage a se ocupar delas, embora sem o desejar" (Agostinho, 1995, p. 346). De modo que, "quanto mais forte for o medo ou o desejo, tanto mais atento é o olhar" (idem).

Outro marco de referência sobre o tema da imagem, na formação de Vieira e na tradição jesuítica, é a doutrina de Tomás de Aquino (1225-1274). Na *Suma*

Teológica (1265) e no tratado *O que é a verdade* (1259?), este autor elabora uma teoria do conhecimento fundada na doutrina aristotélica, segundo a qual todo o conhecimento racional do homem se baseia na alma sensorial: nesta concepção, Tomás segue a concepção aristotélica de que a imaginação teria um papel intermediário entre sensação e cognição

Na parte primeira da *Suma*, Tomás trata da questão do conhecimento e de sua relação com o dinamismo psíquico, discute o papel dos sentidos externos e o fato de que o conhecimento intelectual é adquirido a partir das coisas sensíveis. Aborda a função mediadora das imagens, cenas, dramatizações, metáforas e da palavra: ou seja, a função dos estímulos sensíveis para desencadear o processo de conhecimento. A argumentação conclusiva é a de que "convém à Sagrada Escritura nos transmitir as coisas divinas e espirituais, mediante imagens corporais. (...) Ora, é natural ao homem elevar-se ao inteligível pelo sensível, porque todo o nosso conhecimento se origina a partir dos sentidos". (1265/2001, p.152).

Nas *Questões Discutidas Sobre A Verdade*, Tomás, buscando responder à pergunta se exista falsidade nos sentidos, descreve assim o processo de conhecimento: "o nosso conhecimento, que parte das coisas, segue essa ordem: principia nos sentidos e completa-se na inteligência, de forma que os sentidos corporais se situam de certa maneira a meio caminho entre as coisas e a inteligência." (1259/2000, pp. 121-122). Acerca da apreensão por parte dos sentidos, Tomás afirma que assim como "existe certa força apreensiva, que apreende a imagem sensível das coisas como um sentido criado especialmente para isto, quando a coisa sensível está presente", "existe também outra força, que apreende a imagem sensível das coisas, quando estas estão ausentes: tal é a imaginação" (idem). Ao diferenciar entre a percepção e a imaginação, Tomás coloca que "os sentidos apreendem sempre a coisa como é na realidade, a não ser que haja algum impedimento no órgão ou na transmissão"; ao passo de que "a imaginação via de regra apreende a coisa diferente do que é, porquanto apreende a coisa como presente, estando ela ausente" (idem). Por fim, Tomás, seguindo o Aristóteles do livro IV da *Metafísica* (comentário 34), afirma que "a responsabilidade pela falsidade não cabe aos sentidos, mas à imaginação" (idem, p. 124).

Ainda no século XVII, a doutrina tomista inspira a concepção de que modalidade principal de conhecimento (orientado para a verdade entendida tomisticamente como *adequatio rei*) atinge-se pela *evidência*, através de um percurso que parte dos elementos sensoriais e imanentes para atingir a realidade transcendente pelo intelecto (Jori, 1998). No início do século XVII, os filósofos jesuítas de Coimbra, retomam esta concepção. Segundo Góis (1602), a inteligência conhece num dúplice plano: o plano das espécies sensíveis e o das espécies inteligíveis. Por sua vez, estas se distinguem em espécies impressas e espécies expressas. A passagem da percepção das coisas para a formulação de conceitos e de palavras acontece segundo uma ordem pela qual a percepção sensível de um objeto suscita no sujeito humano a espécie sensível impressa. Desta deriva a espécie sensível expressa, ou seja, a imagem, ou fantasma da coisa (a saber, uma reprodução representativa do objeto). A espécie sensível expressa, por sua vez, origina a espécie inteligível impressa, ou seja, a assimilação intelectual do objeto pela ação do intelecto agente, a saber, o reconhecimento intelectual do objeto propriamente dito, que finalmente leva à espécie inteligível expressa, a saber, à formulação do conceito (= *verbum mentis).* O *verbum mentis* humano necessita sempre de um veículo sensí-

vel: a imagem. Por sua vez, o ato de pensar requer o uso de imagens e simulacros fantásticos depositados na memória, onde as espécies repousam prontas para despertar novamente, diante da solicitação da imaginação.

Conclusão

O percurso que aqui fizemos evidenciou como a modalidade de Vieira referir-se à imagem e suas funções, especialmente a função mobilizadora da potência psíquica da imaginação, insere-se dentro de uma longa tradição filosófica e teológica. Desta tradição, Vieira, pela potência comunicativa de sua palavra retoricamente ordenada, foi um transmissor muito eficaz no contexto da cultura brasileira.

Referências Bibliográficas

AGOSTINHO de Hipona. *O Mestre*. Edição e tradução brasileira de Na. S. Pinheiro. São Paulo: Landy. 2002. (original de 389)

AGOSTINHO de Hipona. *A Trindade*. Tradução brasileira de Belmonte, Ag., São Paulo: Editora Paulus, 1995. (Original de 414).

AQUINO, T. *Suma Teológica*. Parte I Quest. 1, A Doutrina Sagrada, Artigo 9 A Sagrada Escritura deve se utilizar de Metáforas? Volume 1. (Org. C. Pinto De Oliveira). São Paulo: Edições Loyola. 2001. (Original de 1265).

AQUINO, T. *Questões Discutidas Sobre A Verdade,* Ques. I. Em Os Pensadores. (Trad. L.J. Baraúna). São Paulo: Editora Abril: Nova Cultural. 2000, pp. 120.122. (Original de 1259).

BORJA, Fr. SI *Meditaciones para todas las dominicas y ferias del año y para las principales festividades*, Madri, 1912 (original do século XVI).

BORROMEO, C. *Instructiones fabricae et suppellectilis ecclesiasticae* do Cardeal Carlos Borromeo. Milão: Pontio, 1577.

BRITO, B. (s.d) *História Trágico-Maritima*. Dois volumes, Lisboa, edições de Bolso Europa-America. (Original século XVII).

CARVALHO, M.S. (2010). Imaginação, pensamento e conhecimento de si no Comentário jesuíta Conimbricense à Psicologia de Aristóteles. *Revista Filosófica de Coimbra.* n. 37, pp. 25-52.

INSOLERA, L. S. *L'imago Primi Saeculi (1640) E Il Significato Dell'immagine Allegorica Nella Compagnia Di Gesú. Genesi E Fortuna Del Libro*. Editrice Pontificia Universitá Gregoriana Roma, 2004. Miscellaneae Historiae Pontificaie Edita A Faculdade Historiae Ecclesiasticae In Pontifica Universitate Gregoriana, Vol. 66.

GÓIS, M.. *Commentarii Collegii Conimbricensis Societati Iesu, in tres Libros de Anima*, Veneza, 1602.

JORI, G., *Per evidenza, Conoscenza e segni nell'età barocca.* Crisis, Marsilio, Torino, 1998.

NADAL, J. *Adnotationes et meditationes in Evangelia quae in sacrosancto missae sacrificio toto anno leguntur cum eurundem Evangeliorum Concordantia.* Antuerpia: Moretum, 1593.

PALEOTTI, G. *Discorso intorno alle immagini sacre e profane* Bologna: Benacci. 1582.

POSSEVINO, A. SI. *De poesia et pictura em Bibliotecha Selecta de ratione studiorum.* Roma: Tipografia Apostólica Vaticana, 1593.

VIEIRA, A. *Sermões.* . (Alves, G. revisor). Vol. 02. Porto: Lello e irmão Editores. 1993. (original de 1679-1748).

VIEIRA, A. (2010) *Antonio Vieira. Índice das coisas mais notáveis.* (Pecora, Alcir: Organizador). São Paulo: Hedra. (original de 1679).